

## APRESENTAÇÃO

---

“Como tocar então no corpo, em vez de significá-lo ou de obrigá-lo a significar? (. . .). Talvez não se possa responder a este “como?” do mesmo modo que se responde a uma pergunta técnica. O que importa dizer é que isso – tocar no corpo, tocar o corpo, tocar, enfim- está sempre a acontecer na escrita.”

Jean-Luc Nancy, *Corpus*. Tradução de Tomás Maia. Vega: Lisboa, 2000.

Problematizar o corpo nas literaturas de língua portuguesa nos convida, primeiramente, a uma certa cartografia: quem escreve sobre o corpo? E quanto a quem escreve sobre o corpo, de que corpo trata? Estas questões, hoje, em tempos que nos encaminham cada vez mais para uma progressiva dissolução das identidades e dos binarismos, exigem uma análise contínua, uma vez que o corpo – cerne orgânico e linguageiro – se escreve e é escrito por meio de processos variados de mutações através do tempo, do espaço e de outras categorias como gênero, sexualidade, classe, raça/ etnia. Se pudéssemos questionar o nosso Tempo, certamente perguntaríamos: haverá lugar para a fluidez que desejamos? Superar as identidades assegurará um nomadismo ético? O corpo na experiência neoliberal pode ser metaforizável?

Neste sentido, o número da Revista Abril que ora apresentamos ilustra a multiplicidade de abordagens para analisar as variadas representações que o corpo ganha no campo literário. Assim, os onze artigos aqui publicados evidenciam o trabalho de críticos capazes de perceber as mais variadas nuances de representação que aparecem na produção literária portuguesa, angolana e cabo-verdiana, utilizando para isso diferentes perspectivas teóricas e metodológicas que variam da fenomenologia até os estudos *queer*, passando por análises propostas pela filosofia da diferença e pelos estudos pós-coloniais.

Com efeito, encontraremos neste número uma miríade de questões mobilizadoras, como diferentes modos de compreender, por exemplo, o ser mulher (e a condição feminina), nos textos de Maria Salete Daros de Souza, “O corpo amoroso em *O livro da paz da mulher angolana, as heroínas sem nome: subsídios para leitura*”; Viviane Vasconcelos, “O discurso interrompido e a perversa destruição dos corpos: uma breve análise de dois contos de Lídia Jorge” e Sandra Sousa, “A descoberta de uma identidade

pós-colonial em *Esse cabelo*, de Djaimilia Pereira de Almeida”. Pensando nas questões de gênero que enfrentam a lógica do sistema binário na representação do corpo híbrido travestido e na dimensão performática da obra de um escritor tão contemporâneo quanto Al Berto, os artigos de Luciana Marchini e Gustavo Cerqueira-Guimarães procuram evidenciar o quanto as narratividades (ainda que líricas ) podem ser capazes de tencionar ou ratificar os cânones da tradição.

Em outra ponta, textos como os de Ana Beatriz Affonso Penna, Aline Duque Erthal e Kigenes Simas pensam a tradição poética portuguesa em tensão com os limites dos corpos das imagens, do Outro e de corpos sagrados em crise, problematizando a produção de Adília Lopes, Ruy Belo e Camões. E, finalmente, os textos de Alessandra Gomes da Silva, Mariana Caser e Marcelo Franz procuram discutir em que medida as narrativas contemporâneas discutem a diferença (através da surdez), a violência ao corpo (por meio da representação de uma cena de estupro) e a precibilidade na condição do envelhecimento.

Com efeito, se conforme nos lembra José Gil (1997) em *Metamorfoses do Corpo*, “o corpo não fala, faz falar.” (p.35), percebemos que há nesta operação a consciência de que o corpo cria uma série de gestos comunicacionais nos quais acabam comparecendo os significantes flutuantes e a conseqüente constituição de cada subjetividade. Textos capazes de mapear corpos únicos, representações singulares, portanto, era o que desejávamos compreender no gesto autoral de cada poeta, de cada escritor(a) que já tivesse problematizado as muitas versões das escritas em que o corpo evoca(ria) uma outra/nova escrita ou convocaria para o papel ou a tela em branco uma crise capaz de provocar outras leituras e agenciar, por fim, novas mobilizações.

Fechando este número da Revista Abril, uma importante entrevista com Dulce Maria Cardoso realizada por Bruno Mazolini de Barros, em que se destacam a percepção da memória, a continuidade das personagens e a reverberação da obra da exímia narradora em outros países. Por fim, a resenha de Elizabeth Dias Martins sobre o livro de António Valdemar constituído pelas entrevistas de Almada Negreiros em que o “escritor-artista” reflete sobre o tempo, o cânone e sobre os temas fundamentais de sua obra.

Esperamos, neste gesto de ter solicitado que os corpos autorais fizessem a escrita falar, que as leituras sejam proveitosas e o número possa ter operacionalizado alguma cartografia sobre o corpo e seus limites no contexto das literaturas de língua portuguesa.

Boa leitura!

Niterói, junho de 2017

Tatiana Pequeno

Mark Sabine